

ZINES PARA SENTIPENSAR O DESIGN:

CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SABERES EM UMA PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

Palavras-chave: zine, design, pós graduação, comunidade.

Isabela Teles de Oliveira Gouveia; UFPE; Recife, Pernambuco, Brasil;
isabela.teles@ufpe.edu.br

Maria Cristina Ibarra; UFPE; Recife, Pernambuco, Brasil;
cristina.ibarra@ufpe.br

1. Introdução: contextualizando o espaço

Este artigo objetiva analisar o zine como ferramenta pedagógica e relacional, utilizada em sala no contexto de uma disciplina da pós-graduação. A partir dessa experiência, buscamos compreender como sua elaboração pode fomentar narrativas compartilhadas, estimular o diálogo entre os participantes e ampliar o compartilhamento de experiências vividas dentro e fora da sala de aula. Investigamos como a materialidade e a dimensão sensível envolvidas no fazer zines podem contribuir para uma formação mais integrada (entre pensamento e afeto), alinhada a práticas de design comprometidas com a transformação social e construção de futuros compartilhados.

Enxergamos o ambiente de pós-graduação como um espaço comunitário, no qual os pares trabalham em conjunto para que haja uma troca rica de experiências. Reconhecemos que existe uma fusão da esfera acadêmica e pessoal, onde alunos e professores desenvolvem a pesquisa de uma forma afetiva e relacional, onde seus interesses transbordam além da universidade para o cotidiano, correspondendo com o mundo. Foi pautada pela educação da atenção que transcorreu a disciplina *Design e Questões Contemporâneas (DES970 - TÓPICOS EM DESIGN, CULTURA E ARTES III)* no período 2025.1 da Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, ministrada por Maria Cristina Ibarra.

Durante os oito encontros ao longo do semestre, nós estudantes fomos guiados para construir, a cada semana, um artefato que dialogasse com os temas trabalhados.

Além disso, foram realizados seminários e dinâmicas (Figura 1) pelos alunos acerca dos textos da disciplina, suscitando discussões relacionais e exercitando os conceitos aprendidos de forma prática.



Figura 1 – Dinâmica de contar, fazer e encenar em uma das aulas
Fonte: Cristina Ibarra (2025)

É neste contexto que foi desenvolvido o zine intitulado “Outros”, de autoria de Isabela Teles (Figura 2). Este artefato é inspirado no conceito de “multiplicidade de Outros” apresentado por Arturo Escobar (2024). Neste conceito, Escobar (idem) advoga por uma abordagem pluriversal para o design e a vida social, principalmente em contextos urbanos, buscando a valorização das perspectivas e experiências de seres humanos e não-humanos, criticando o preceito modernista excludente de universalização e padronização de artefatos projetados para o “homem ideal”.

2. Pensando nos Outros: conceitos e processos de produção do zine

Como afirma Creasap (2014), o fazer zines é uma atividade que emprega três princípios da pedagogia feminista: aprendizado participativo, validação da experiência pessoal, e o desenvolvimento de pensamento crítico. Através desta atividade, pode

corresponder com minha professora e meus colegas, trocando ideias dentro e fora da sala de aula, validando os conhecimentos adquiridos e meus interesses pessoais de pesquisa.



Figura 2 – Capa do zine “Outros”
Fonte: Isabela Teles (2025)

A capa do trabalho (Figura 2) foi confeccionada em papelão reciclado, com o título emulando as letras recortadas de jornal, estética prevalente em zines. Já nas páginas do encarte busquei adotar diferentes estilos, experimentando materiais diversos, trazendo desenhos, frases e colagens. As oito páginas representam os oito encontros realizados durante a disciplina, e o formato de sanfona permite que exista uma fluidez na transição entre as páginas, onde um conceito se entrelaça no outro e vaza para a outra folha, como apresentado na Figura 3 abaixo.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025



Figura 3 – O zine “Outros” (canto superior esquerdo) e demais trabalhos da disciplina
Fonte: Cristina Ibarra (2025)

O zine se caracteriza por sua natureza não conformista e foca na disseminação de conhecimento de forma acessível. Por ser uma designer e ilustradora, trouxe para este zine desenhos, colagens e gráficos que dialogam com os textos da disciplina, como aparece nas Figuras 3 e 4. Os elementos aludem a alguns trechos mais marcantes e passagens específicas das obras estudadas, trazendo uma correspondência entre a experiência vivida em sala de aula e a teoria, reforçando a comunidade que foi construída entre estudantes e professora na turma de 2025.1.

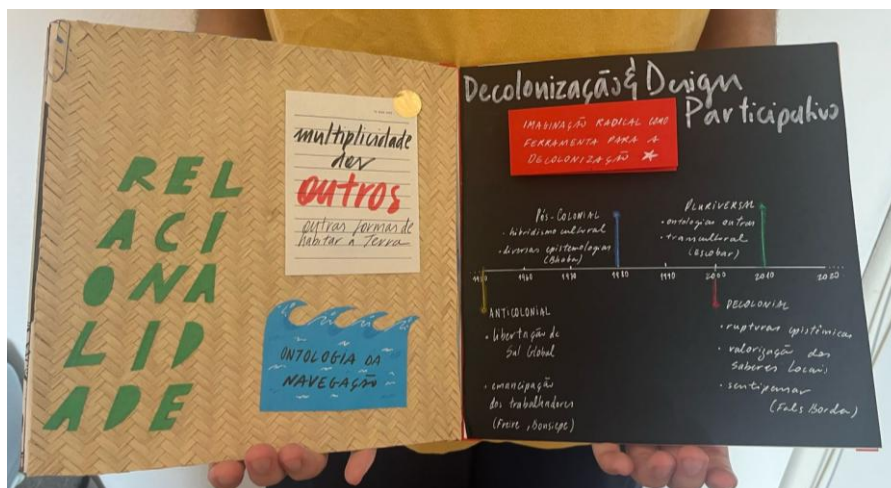


Figura 4 – Páginas 5 e 6 do zine “Outros”
Fonte: Isabela Teles (2025)

Na primeira página, a apresentação da disciplina, trazemos o conceito de Design Antropologia, campo de conhecimento que busca correspondências entre as duas esferas

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

(Figura 5). Nele, designers praticam a atenção aos sinais do mundo, se colocam abertos para o inesperado e aprendem e respondem em tempo real com o seu entorno. Neste encontro, não foram trabalhados textos específicos, mas trouxe-se um panorama dos conceitos a serem explorados durante a disciplina, sendo a correspondência proposta por Tim Ingold o primeiro a ser discutido, já na aula 2.

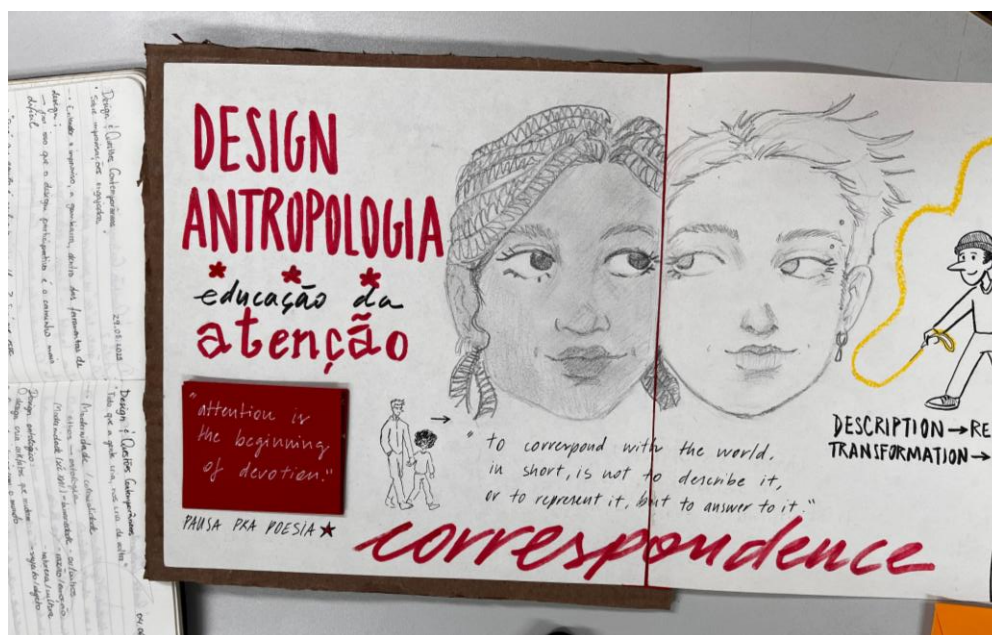


Figura 5 – Páginas 1 e 2 do zine “Outros”

Fonte: Isabela Teles (2025)

Em seu texto *“From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time”*, Caroline Gatt e Tim Ingold (2013) propõem uma junção de “mente que projeta e corpo que executa” na práxis do design através da antropologia **por meio do design**, em que o método da esperança é adotado com seu caráter experimental, fluído e improvisatório, enriquecendo a vida e tornando-a mais sustentável. No zine (Figura 5), dois rostos são desenhados olhando um para o outro de canto, representando a passagem em que Ingold descreve que duas pessoas andando na mesma direção, lado a lado, é uma forma de comunhão mais “afetiva¹” onde ambas as partes podem experienciar o mundo juntos de

¹ No texto original, Gatt & Ingold escrevem: *“direct face-to-face interaction, by contrast, was found to be far less sociable”*. Como os autores desenvolvem o conceito falando sobre reciprocidade, companheirismo e sociabilidade, escolhemos utilizar a palavra “afetiva” na tradução por acreditarmos que encapsula as características da correspondência trazida pelos autores.

forma similar, ao invés de se “fecharem” em interações frente a frente onde um bloqueia o caminho do outro.

Resgatando a junção corpo/mente de Gatt & Ingold (2013), e ampliando com o conceito de sentipensar de Fals Borda (2017), acreditamos que nessa atividade foi desenvolvido um zine sentipensante, onde “atuamos com o coração, mas também empregamos a cabeça”. Unindo a paixão pelo fazer zines, com o interesse pelas novas formas de fazer e pensar design, nasce “Outros”. Na figura 6 abaixo, a última página em branco é um convite para a construção coletiva e participativa dos colegas, onde, através do papel, correspondemos as questões que nos tocaram nesta disciplina e imaginamos juntos futuros possíveis.

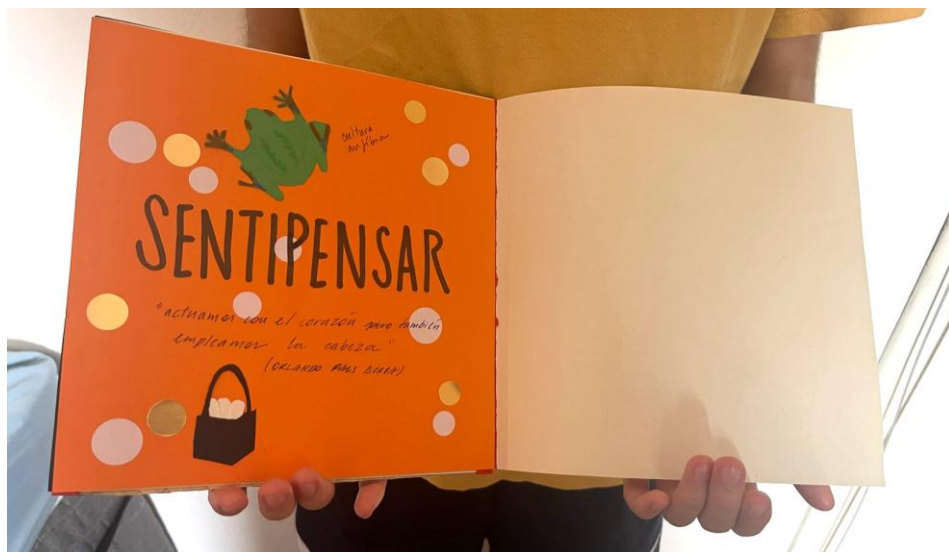


Figura 6 – Páginas 7 e 8 do zine “Outros”
Fonte: Isabela Teles (2025)

3. Imaginando futuros possíveis: zines em contexto

O zine é uma publicação autoral de caráter independente, normalmente em formato de livreto e com um humor peculiar, trazendo narrativas pessoais e/ou políticas. É motivada pelo desejo de auto expressão e não possui fins lucrativos, estimulando a criação de uma comunidade afetiva e corporificada entre os seus criadores e leitores devido à materialidade e fisicalidade característica desta mídia (Piepmeier, 2008). O foco

deste tipo de publicação é compartilhar ideias revolucionárias, expressões artísticas e histórias pessoais, não possuindo regras sobre formato ou conteúdo.

A história dos zines (ou fanzines) tem raízes no movimento afro americano do Renascimento do Harlem, um movimento cultural, artístico e intelectual da década de 1920, onde publicações independentes - como a *The Messenger* (1917) - feitas por e para a comunidade negra dos Estados Unidos disseminavam artigos exaltando a cultura negra e autores negros (Bre, 2025), sendo esta contribuição para a mídia constantemente apagada da história. Posteriormente, o zine foi popularizado pelos fãs de ficção científica nos anos 30, atingiu seu ápice na década de 70 com o movimento punk inglês e foi adotado como forma de resistência política pelo movimento punk feminino estadunidense Riot Grrrl na década de 90.

Como afirma Piepmeier (2008), em uma cultura que celebra a facilidade e o imediatismo, os criadores de zine escolhem participar de um processo que é deliberadamente bagunçado, ineficiente e trabalhoso: o processo artístico. Já Shrewsbury (1993) atesta que o fazer zines é um modo pelo qual as pessoas trabalham em conjunto para atingir objetivos compartilhados, e se ajudam a conquistar metas individuais.

Em uma sala de aula, especialmente em uma pós-graduação em Design, escolher participar deste processo é uma forma de corresponder com o mundo e materializar ideias, conceitos e interesses, utilizando o corpo, um local de cuidado e prazer, como instrumento para essa materialização. Pensar de forma lenta com papel, lápis e outros instrumentos para a artesanaria em um mundo digital ultra-rápido é também uma forma de revolução.

Resgatando o conceito de “*craftivism*” cunhado por Betsy Greer (2014), dar voz às nossas opiniões por meio da criatividade torna esta voz mais forte, trazendo delicadeza para a resistência coletiva. A autora afirma ainda que a artesanaria nos ensina sobre cuidado, reparo e resiliência, e que reclamar o “trabalho de mulheres” como radical também é uma forma de poder.

4. Considerações finais

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Através deste artigo, buscamos trazer a reflexão sobre que outras narrativas os zines podem contar dentro da sala de aula? Como eles podem ser utilizados como uma ferramenta de diálogo entre os pares e disseminar as experiências de uma turma para outros espaços? Como a materialidade do fazer zines nos conecta cabeça e coração e nos permite ser melhores designers, como defende Fals Borda? Esses questionamentos nos ajudam a imaginar e construir futuros compartilhados dentro da universidade, que reverberam para o cotidiano de cada um de nós à medida que nos permitimos ser transformados pelo processo.

REFERÊNCIAS

BRE. **Black History of Zines**. 2025. Disponível em:

<https://msha.ke/brestinyprintshop?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAafENfo3KqogieqRV55GK38mZkWMSh3SdnF1L_p5o4RFzFDvZxjRx8RcgrSHw_aem_Q1zYgYDXffq9eA-gDkV7wQ#splash-2>

CREASAP, K. Zine-Making as Feminist Pedagogy. **Feminist Teacher**, v.24, n.3, 2014.

ESCOBAR, A. Designing relationally: Envisioning paths toward pluriversal transitions. In: ESCOBAR, A.; OSTERWEIL, M.; SHARMA, K. **Relationality: An Emergent Politics of Life Beyond The Human**. Londres: Bloomsbury, 2024.

FALS BORDA, O. Orlando Fals Borda Concepto Sentipensante, YouTube. 9 de outubro de 2017. 08min38s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mGAy6Pw4qAw&t=10s>>

GATT, C.; INGOLD, T. From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time. In: Wendy GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. **Design Anthropology: Theory and Practice**. Londres: Routledge, 2013.

GREER, B. **Craftivism: The Art of Craft and Activism**. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2014.

PIEPMEIER, A. **Why Zines Matter: Materiality and the Creation of Embodied Community**. *American Periodicals*, v.18, n.2, 2008.

SHREWSBURY, C. M. "What is Feminist Pedagogy?" **Women's Studies Quarterly**, v. 21, 1993, p.8-16.